

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 159

Data: 18.04.75

Pg.: 17

Missionários criticam os métodos da Funai

Das Sucursais
e do correspondente

Embora o presidente do Conselho Indigenista Missionário, padre José Vicente Cesar, tenha preferido não responder, do sertanista Apoema Meirelles — que depois de acusar a ação anterior dos missionários como responsável pela agressividade dos waimiri-atroari em relação aos brancos ameaçou abandonar o trabalho de atração desses índios caso a Funai admitisse a participação de missionários em seu grupo — dois membros do Conselho afirmavam ontem, em Manaus, que “a atração dos índios waimiri-atroari é um desafio à própria Funai, à sua política indigenista e aos seus métodos de pacificação”. As acusações de parte a parte ocorreram num período inferior a 48 horas do término do seminário realizado pela Funai que reuniu em Manaus elementos das missões religiosas que trabalham junto aos índios brasileiros e, segundo o general Ismarth de Araujo, presidente da Funai, apresentou um excelente resultado. Para o general Ismarth de Araujo, o seminário apresentou três pontos positivos: melhor conhecimento do trabalho realizado pelos missionários; melhor relacionamento entre as próprias missões, católicas e protestantes; e a constatação do grande interesse das missões em participar da assistência ao índio juntamente com a Funai. Foi a partir dessa constatação que a Funai decidiu aceitar uma antiga reivindicação das missões religiosas, e recomendar a participação de missionários nas frentes de atração do órgão.

Segundo o presidente da Funai, “os missionários estão modificando bastante seus pontos de vista sobre o problema religioso. Hoje todos concordam que os valores tribais precisam ser respeitados e que a opção por qualquer tipo de religião deve ser feita pelo próprio índio, depois que atingir um grau maior de compreensão do mundo civilizado”. Para o presidente do Cimi, porém, há razões mais objetivas para que missionários possam participar das frentes de atração da Funai. Ontem, mesmo negando-se a comentar as afirmações do sertanista Apoema Meirelles, ele afirmava que atualmente existem religiosos preparados para desempenhar tarefas desse tipo. E citou até nomes: os padres Antonio Iasi, Gil Gomes e Thomas de Aquino Lisboa.

Ressaltando o trabalho positivo de missionários em expedições, o padre José Vicente Cesar afirmou que várias atrações vêm sendo feitas nos últimos anos, como a dos índios munkus, em Mato Grosso. “Só que normalmente nós não fazemos grande alarde sobre os resultados do nosso trabalho — acrescentou — porque ele está voltado essencialmente para o objetivo de assistir o índio brasileiro”. De qualquer modo, o Cimi ainda deverá examinar na próxima semana, numa reunião que será realizada em Diamantino, em Mato Grosso, a recomendação do seminário relativa à participação de missionários nas expedições.

Segundo as afirmações de Apoema Meirelles, a presença de missionários nas expedições só poderá trazer problemas. Ele

chegou mesmo a dizer que, no tempo em que os waimiri-atroaris eram contratados pela expedição do padre Calleri — massacrada pelos índios —, “fatos estarrecedores aconteceram, que o índio não esqueceu ainda e por isso continua massacrando o pessoal da Funai”.

Ao analisar as razões que levaram os índios a praticar os últimos massacres, entretanto, os padres Egidio Schwade e Antonio Iasi Junior, membros do Cimi, afirmavam ontem, em Manaus, que muitos erros foram cometidos pelas expedições da Funai. “Houve erros e erros graves, mas que só poderão ser descritos e elucidados quando os índios forem estudados na sua formação tribal, o que até agora a Funai não fez”.

Para esses dois missionários, o problema dos índios da região dos rios Alalaú e Abonari só serão resolvidos se a Funai se dispuser a aceitar a realidade: o despreparo do seu pessoal de atração, os métodos incorretos de atração até agora utilizados para o contato com os índios e, principalmente, a construção da estrada Manaus-Caracará. “Esses três fatores — afirma o padre Iasi —, além de outros que são desconhecidos e só os índios poderiam elucidar, são a principal causa dos constantes massacres que os waimiri atroari praticam contra o pessoal da Funai”.

A primeira providência da Funai, segundo os dois missionários — “se realmente pretende resolver o problema dos waimiri-atroari” — terá que ser a paralisação das obras da estrada, com o afastamento do pessoal estranho às equipes de atração. Como complemento dessa primeira medida — “que pode contrariar profundamente os interesses alheios aos da política indigenista brasileira” — deveriam ser enviados para a área homens especializados, antropólogos e linguistas, para que estudem de perto o comportamento dos índios. Finalmente, depois desses estudos, seria mandada uma equipe de atração.

Ontem, o presidente da Funai anunciou em Brasília a aplicação de um programa de emergência para atender as comunidades indígenas yanomani que vivem nas imediações da rodovia Perimetral Norte, contagiados por vários tipos de doença, inclusive a tuberculose e doenças venéreas. Segundo uma pesquisa realizada pelas equipes da Funai em várias regiões da Amazônia, o problema mais crítico foi constatado entre esses índios — cerca de 350, que são atendidos em parte pelas missões e pela Funai, no posto Jarari, sob a responsabilidade do sertanista Oneide Castelo Branco. Os yanomani estão em contato permanente com os trabalhadores responsáveis pelas obras da rodovia e, por isso, o programa de urgência visará basicamente, além da assistência à saúde, o desenvolvimento de atividades que fixem o indígena em sua aldeia, afastando-o da influência nociva dos trabalhadores. Outra medida que deverá ser adotada é a exigência de atestado de vacina dos operários que atuam na área e a recomendação de bloqueio da estrada para o tráfego normal nas proximidades das aldeias yanomani.